

A CRIATURA DE MARY SHELLEY COMO ALUSÃO ÀS INFLUÊNCIAS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

MARY SHELLEY'S CREATURE AS AN ALLUSION TO THE INFLUENCES OF LITERARY CRIATION

Mellyssa Coêlho de MOURA¹

Orlando Luiz de ARAÚJO²

RESUMO: O presente artigo propõe analisar a criatura de Mary Shelley como alusão para as influências presentes no produto da escrita literária. Estudos sobre a criação de *Frankenstein* afirmam que Shelley receava em creditar sua própria autoria devido à dificuldade de reconhecimento da escrita feminina no século XVIII, assim como também pelas influências sofridas pela autora, que desde jovem conviveu com titãs da literatura. Nesse sentido, tem-se que a relação entre criador e criatura apresentada por Shelley em *Frankenstein* reflete aspectos de seu processo criativo, concluindo-se que a própria escritora se confunde com Victor Frankenstein. Conjectura-se a análise da composição da criatura como uma metáfora a criação literária, pois ambas se relacionam pelo seu processo constituinte, sendo compostas de elementos externos que juntos compõem seu ser uno. Destarte, pretende-se analisar como a criação da identidade da personagem da criatura através da leitura de livros específicos pode ser uma alusão às influências que Shelley dispôs para a composição de sua obra. Para isso, utilizaremos os conceitos de alusão propostos por Hinds e Vasconcelos para analisarmos até que ponto as influências literárias sofridas pela criatura são demonstrações de alusão da própria memória da autora, suas influências sendo metaforizadas como memória integrante do personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Mary Shelley. Frankenstein. Alusão.

ABSTRACT: The present study aims to analyze Mary Shelley's creature as an allusion to the influences present in the product of the literary writing. Researches about the process of creation of *Frankenstein* affirm that Mary Shelley doubted in crediting her own authorship due to the difficulties of recognition of the female production during XVII, as well as the influences experienced by the author, who since childhood had lived with titans of literature. In this sense, the relation between creator and creature presented by Shelley in *Frankenstein* is seeing as reflecting aspects of her creative process, concluding that the own author confounds herself with Victor Frankenstein. Based on this fact, it is proposed an analysis of the creature composition as a metaphor for literary creation, since their constituent process relates them. Thus, the present paper proposes to exam how the creation of the creature's identity through the reading of specific books may be an allusion to the influences Shelley used in the development of her romance. For this, it would be used the concepts of allusion suggested by Hinds and Vasconcelos to question how far the literary influences upon the creature are demonstrations of allusions of the author's own memory, her influences being metaphorized as integrant memories of the character.

KEYWORDS: Mary Shelley. Frankenstein. Allusion.

1. Mestranda em Letras; Programa de Pós-Graduação em Letras; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil - mellyssacm@hotmail.com; Bolsista FUNCAP – CE; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0373-1450>.

2. Doutor em Letras – Letras Clássicas; Programa de Pós-Graduação em Letras; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil – orlando.araujo@ufc.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9886-3733>.

A técnica alusiva como composição do texto literário

Os estudos acerca da relação de contato de uma obra com outra tomaram grande parte das análises da crítica literária do século XIX. Com o ápice do método comparativo dos fenômenos científicos, essa ferramenta de análise comparativa entre textos, tida hoje como fundamental para os estudos de Literatura Comparada, seguiu um longo percurso no ramo da investigação literária. Nem sempre claro, esse caminho de análise levava facilmente a conclusões precipitadas com relação à obra posterior, tida muitas vezes como mera cópia ou reprodução imitativa da precedente.

As noções de empréstimo e de derivação, bem como as demais características da arte alusiva ainda eram acompanhadas da noção de falta de imaginação criativa do autor, que era tido como imitador dos gênios anteriores, sendo assim considerado como um artista sem originalidade. A pesquisa dos fatores comuns entre obras parecidas acabava por não valorizar a obra e seu valor original, mas sim os empréstimos e as transformações que cada autor impunha aos mesmos (NITRINE, 2000). No entanto, com a ascendência das propostas de análises formalistas dos textos literários e com a disseminação do conceito de intertextualidade sugerido por pesquisadores comparatistas como Kristeva, intuiu-se que a literatura faz parte de um sistema de correlações, onde o processo de escrita é tido como resultante de um processo de leitura, culminando a premissa de que um texto escrito é a absorção de outro texto lido.

Diante disso, a relação de dependência entre os textos passou a ser considerada um procedimento natural da criação literária. Mais do que identificar e subjugar a presença de uma obra em outra, as dimensões motivadoras dessas relações e os procedimentos efetuados para tal ato passaram a obter lugar de destaque nos estudos comparatistas. De tal modo apreendida, a intertextualidade não seria apenas a filiação reconhecida, explicitamente ou não, de um autor em outro, mas sim um fenômeno natural do processo de escrita.

As reflexões sobre a intertextualidade permitiram uma análise diferenciada acerca da retomada consciente de determinado texto por parte do autor. A ideia chamada arte alusiva ou *imitatio*, consagrada no campo dos estudos clássicos, possibilitou “[...] estudar os mecanismos de produção de sentido ativados pelo reconhecimento dos ecos textuais [...]” (VASCONCELOS, 2007, p. 241). Tais estudos destacaram a participação efetiva do leitor, que passou a ter papel ativo na construção do sentido da obra, através da interpretação da operação alusiva proposta pelo autor. Vista como artifício para se estabelecer na tradição, ou até mesmo para superá-la, o método alusivo trata de um recurso literário que provoca o leitor com a sua própria existência, que o convida a visitar a memória poética do escritor.

Com base na noção explicitada de que a alusão feita pelo poeta chama atenção ao fato de que ele está aludindo, cabe ao leitor refletir sobre a natureza dessa atividade indicativa. Hinds (1998) sugere que essa menção a outros textos declara o estatuto do autor, deixando claro que ele leu outros autores através dessa marca visível em sua obra literária. Fica assim estabelecida a relação entre alusão e memória, onde ambas se confundem, sendo a alusão uma memória subjacente e a memória um veículo metafórico dessa alusão (HINDS, 1998).

Em um âmbito mais específico, particularmente na Europa de meados do século XIX, durante o movimento literário conhecido como Romantismo, a dinâmica de produção de textos se caracterizou pela adesão à tradição através do ideal de glorificação do passado, bem como também à sua ruptura através da liberdade de despreendimento das noções clássicas da forma artística. O processo alusivo então é visto nessa época como forma de endereçamento, se tornando mais efetivo e menos problemático que a metáfora, mas nem sempre indicado explicitamente como sendo um processo intencional do autor. (MAGNUSON, 1998). O gênio criativo do mesmo ainda estava sempre em questão, e a sombra dos antepassados ainda embaçava a vista do poeta que se via no embate eterno entre a sua originalidade e a influência de seu predecessor.

Estabelecendo então uma análise da influência poética sofrida por esses autores do período romântico, o pesquisador Bloom (1991) conjectura um estudo sobre os meios de superação dessa relação de débito com os poetas anteriores deixada desde a Antiguidade. Relacionada com a ideia de falta de originalidade, a volta às origens ainda estava atrelada ao sentimento de culpa, que geraria no poeta novo uma melancolia insuperável. Para Bloom (1991), no entanto, apenas os poetas fracos se apegavam a essa doença da autoconsciência inevitável a todos os poetas, se tornando então meros imitadores que estariam satisfeitos em copiar a geração passada. Apenas os poetas fortes seriam capazes de se abster da angústia da influência, superando-a e transformando-a em literatura.

Por meio dessa ferramenta de análise alusiva dos autores românticos se propõe a análise da obra *Frankenstein ou o Prometeu moderno*, da escritora inglesa Mary Shelley. A mesma tinha receios em creditar sua própria autoria devido à dificuldade de reconhecimento da produção criativa feminina no século XVIII, assim como também pelas influências sofridas pela autora, que desde criança conviveu com titãs da literatura. Com base nisso, o estudo em questão tem como proposta analisar a criatura de Mary Shelley como uma alusão para as influências presentes no produto do processo de escrita literária. Nesse sentido, tem-se que a relação entre criador e criatura proposta por Shelley em *Frankenstein* reflete aspectos de seu processo criativo, onde muitas vezes a própria escritora se confunde com Victor Frankenstein.

Os criadores de monstros: Shelley e Frankenstein

Em meados do ano de 1818 em Genebra, através de uma conversa entre amigos à margem de um lago, veio à luz o célebre romance conhecido como *Frankenstein ou o Prometeu moderno*, uma das histórias mais significativas de seu tempo e cujo fascínio persiste mesmo após 200 anos desde sua criação. A obra é de autoria de Mary Shelley, que desde a infância teve contato íntimo com a literatura e a escrita, e que com seu romance escrito aos dezenove anos acaba tornando-se uma referência na literatura gótica e na disseminação do gênero de ficção científica, ao criar uma obra que trabalha com maestria as relações entre homem e natureza.

Assim como seu Prometeu, Shelley cresceu em meio a titãs, o que justifica seu entendimento da significância desses deuses em sua vida literária. Esse personagem mitológico modernizado pela autora, em termos de imaginação e criação, é uno com sua criadora, uma vez que ambos se colocam frente a seus superiores na tentativa de consumação de uma nova criação. Diante disso, podem-se traçar paralelos entre personagem e autora, visto que ambos descrevem o longo processo criativo e os sentimentos que experimentaram frente ao ato de criação.

Essa identificação é explorada ainda mais quando analisamos que ambos iniciam, a partir dessas leituras, o projeto de dar significado a uma nova existência. Engajados em seus planos, romancista e cientista seguem o caminho inicial para o princípio da criação, a coleta de matérias-primas. A maneira como Victor desenterra as sepulturas com esse propósito é equivalente à maneira como a autora está desenterrando as literaturas anteriores. Diante desse ponto de vista, Frankenstein se transforma em uma extensão da autora, e o texto é seu monstro.

É reconhecido como *Frankenstein* se presta às leituras mais diversas sobre problemas verdadeiramente atuais, não obstante estes dois séculos que o separam da contemporaneidade. É notável a preferência de análises do romance de Shelley se concentrando na relação entre criador e criatura, devido ao teor científico e genesiaco da obra. Os estudos acadêmicos na sua maioria focam na releitura do mito de criação, como também no cientificismo e nas implicações do rompimento das barreiras dos limites humanos. Outros ângulos mais atuais fornecem uma pesquisa embasada na ótica de gêneros, buscando refletir sobre o aspecto feminino da criação e o caráter autobiográfico do romance.

Ao nos atermos a essa chave de leitura biográfica de *Frankenstein*, temos que as pesquisas se voltam para os aspectos trágicos da vida pessoal da autora e de como eles são retratados por ela nos personagens da narrativa. No entanto, pouco ainda se analisa sobre os reflexos na obra de Shelley acerca de seu processo de escrita em si. Com isso, intui-se que o ato da criação monstruosa como referência à construção do texto literário tem recebido menor atenção nos estudos sobre *Frankenstein*.

Embora pouco se estude acerca de como a escritora dispôs das influências recebidas a seu favor na criação de sua obra de maior fama, conjectura-se a análise da criação da criatura como uma metáfora da criação literária, na qual ambas se relacionam pelo seu processo constituinte, uma vez que são compostas de elementos externos que juntos compõem seu ser uno. Destarte, o presente artigo propõe analisar como a criação da identidade da personagem da criatura através da leitura de livros específicos pode ser uma alusão às influências que Shelley dispôs para a composição de sua obra.

Diante disso, o artigo tem como proposta mostrar que *Frankenstein* pode ser lido como uma alegoria para o ato criativo da autoria através do elo criador/criatura refletindo o elo autor/obra literária. Nos embasando na análise do prefácio escrito por Shelley, podemos entender a melancolia descrita pela autora como companheira de seu processo criativo o sentimento caracterizado por Bloom (1991) como a doença da autoconsciência, a angústia da influência. O mesmo sentimento que acompanha todo o percurso criativo de Frankenstein é senão o da própria autora, cuja criatura resultante de retalhos de corpos é a representação metafórica da criação literária de Shelley, que espelha em suas memórias de leitura as reminiscências da própria autora.

Para isso, serão usados os conceitos de alusão e intertextualidade propostos por Hinds (1998) e Vasconcelos (2007) para analisarmos até que ponto as influências literárias sofridas pela criatura são demonstrações de alusão da própria memória da autora, suas influências sendo metaforizadas como memória constituinte do personagem. Almeja-se mostrar que assim como a criatura se constitui fisicamente de retalhos de corpos e intelectualmente de recortes adquiridos pela leitura, o mesmo pode-se dizer da obra literária em questão, que, longe de ser uma criação gerada do nada, é também o produto da combinação de outros.

A angústia da criação

O conceito de *Frankenstein* foi criado em parte no verão de 1816, através de um desafio literário e de um pesadelo. Em seu prefácio à primeira edição de 1818, Shelley presenteia o leitor com explicações de todo o percurso literário que culminou no seu romance mais icônico, fornecendo um relato da origem da estória. Mais do que isso, ela expõe com clareza a importância de se criar uma obra única e digna de perpetuidade, tendo a humildade de reconhecimento da necessidade do apoio em algo maior, não se criando a partir do simples nada, mas do caos. Assim, a autora descreve como as influências são importantes para a criação literária:

Everything must have a beginning, to speak in Sanchean phrase; and that beginning must be linked to something that went before. The Hindoos give the world

an elephant to support it, but they make the elephant stand upon a tortoise. Invention, it must be humbly admitted, does not consist in creating out of void, but out of chaos; the materials must, in the first place, be afforded: it can give form to dark, shapeless substances, but cannot bring into being the substance itself. In all matters of discovery and invention, even of those that appertain to the imagination, we are continually reminded of the story of Columbus and his egg. Invention consists in the capacity of seizing on the capabilities of a subject, and in the power of moulding and fashioning ideas suggested to it (SHELLEY, 2016, p. 18)³.

Um dos anseios mais explícitos no prefácio da obra e que também pode ser encontrado facilmente nas descrições de Victor Frankenstein é o sentimento de angústia que acompanha o trabalho da criação. Segundo o professor e crítico literário Harold Bloom, em seu livro *A angústia da influência: uma teoria da poesia*, tal melancolia está intrinsicamente ligada ao ato criativo e às forças externas de influência dessa arte, portanto nenhum criador consciente está livre dessa angústia.

Alves (2016) pontua que a partir do momento em que Mary Shelley apresenta seu romance aludindo-se ao nome de Prometeu, ela evoca o significado perpetuado e estabelecido por esse mito. Ao apresentar o titã não no título principal de sua obra, mas no seu subtítulo, a autora avisa ao leitor que seu romance não será uma extensão do mito, mas sim uma adaptação feita a partir de sua alusão. Tendo como ponto de partida o mito de Prometeu, Shelley “[...] inserts *Frankenstein* into the tradition of creation myths” (Alves, 2016, p. 42)⁴, também oferecendo uma nova versão do titã e criador da humanidade, graças a seu vasto campo de alusões clássicas.

Relacionando a angústia da influência com autora e personagem, temos nessa relação tríade a ideia de que Shelley espelha a si e a seus anseios criativos no seu Prometeu angustiado. As comparações entre personagem e autor são percebidas logo no início do ato inventivo, na leitura que ambos possuem de seus predecessores e da importância que elas têm sobre a ideia de invenção de um novo monstro-texto⁵. Ao expor esses escritores das ciências naturais e ressaltar que “*I read and studied the wild fancies of*

3. “Tudo deve ter um começo, parafraseado Sancho Pança; e esse começo deve estar ligado a algo que veio antes. Os hindus fazem um elefante sustentar o mundo, mas o elefante se acha apoiado sobre uma tartaruga. A invenção, deve-se admitir humildemente, não consiste em criar alguma coisa do nada, mas sim do caos. Em primeiro lugar, deve-se dispor dos materiais: eles podem dar forma a substâncias escuras, informes, mas não podem fazer surgir a própria substância. Em tudo que se refere às descobertas e às invenções, mesmo aquelas pertencentes ao campo da imaginação, lembramo-nos sempre da história de Colombo e de seu ovo. A invenção consiste na capacidade de entender os recursos de um objeto, e no poder moldar e adaptar as ideias sugeridas por ele” (SHELLEY, 2016, p. 19, tradução de Doris Goettesm).

4. “[...] insere *Frankenstein* na tradição dos mitos de criação” (ALVES, 2016, p. 42, tradução nossa).

5. Essa relação entre texto e monstro é proposta por Anish Bhattacharyya, em seu trabalho intitulado *Frankenstein and Ackroyd: a Study of the Text as the Monster*. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanitie*. Vol. 10, No. 2, 2018.

these writers with delight [...]” (SHELLEY, 2016, p. 56)⁶, Frankenstein descreve o mesmo caminho apontado por Shelley como essencial para o ato criativo, o apoio no alicerce dos precursores.

Essa identificação é explorada ainda mais quando analisamos que ambos iniciam, a partir dessas leituras, o projeto de dar significado a uma nova existência. Engajados em seus planos, romancista e cientista seguem o caminho inicial para o princípio da criação, a coleta de matérias-primas. A maneira como Victor desenterra as sepulturas com esse propósito é equivalente à maneira como a autora está desenterrando as literaturas anteriores. Diante desse ponto de vista, Frankenstein se transforma em uma extensão da autora, e o texto é seu monstro.

Possuindo os materiais físicos necessários para o início do processo, faltava aos criadores, no entanto, a centelha criativa responsável a dar vida a seus seres inanimados. *“I thought and pondered – vainly. I felt that blank incapability of invention which is the greatest misery of authorship, when dull Nothing replies to our anxious invocations”* (SHELLEY, 2016, p. 18)⁷, diz Shelley ao tentar em vão pensar em uma história, *“one which would speak to the mysterious fears of our nature.”* (SHELLEY, 2016, p. 18)⁸. A causa de tal empecilho criativo, “[...] já que não se tem um nome certo para a angústia bloqueando a criatividade” (Bloom, 1991, p. 68), pode estar relacionada ao sentimento de angústia experimentado pela autora, que se sente perdida em meio a tantos gigantes e a si mesma.

Na visão de Bloom (1991), a carga de anterioridade pode representar o medo da mera repetição. Tal receio representa um problema à criatividade do autor, se tornando um agente bloqueador alegorizado na figura dos expectadores. Frankenstein relaciona esses bloqueios às suas antigas leituras, que se mostraram ineficazes, e às requisições de seus superiores, uma vez que *“I was required to exchange quimeras of boundless grandeur for realities of little worth”* (SHELLEY, 2016, p. 56)⁹. Assim como seu personagem, Shelley vivencia essa coação em criar algo digno de seus superiores, inclusive por seu marido, que diz que ela deveria se tornar *“[...] worthy of [his] parentage, and enrol [herself] in the page of fame”* (SHELLEY, 2016, p. 17)¹⁰.

6. “Li e estudei com deleite as selvagens fantasias desses autores [...]” (SHELLEY, 2016, p. 57, tradução de Doris Goettesm).

7. “Pensei e ponderei – em vão. Sentia aquela incapacidade vazia de invenção que é a maior dos escritores, quando um estúpido *Nada* responde às nossas súplicas ansiosas” (SHELLEY, 2016, p. 59, tradução de Doris Goettesm).

8. “Uma que falasse aos misteriosos medos de nossa natureza e despertasse um eletrizante horror” (SHELLEY, 2016, p. 19, tradução de Doris Goettesm).

9. “Exigiam-me que eu [Frankenstein] trocasse quimeras de grandeza ilimitada por realidades de pouco valor” (SHELLEY, 2016, p. 57, tradução de Doris Goettesm).

10. “[...] digna de meus pais, e me inscrevesse nas páginas da fama” (SHELLEY, 2016, p. 17, tradução de Doris Goettesm).

Essa chamada culpa de carga prometeica (BLOOM, 1991) justifica a escolha de Shelley para o subtítulo de seu romance. A relação com esse mito é de que o homem é formado nas cinzas dos seus titãs, combinando em si uma natureza prometeica. A autora é o Prometeu poético, no sentido de que o poeta passa de homem a deus (BLOOM, 1991) por roubar o fogo da criatividade de seus predecessores, reduzindo-se inevitavelmente a esse humano angustiado pelo débito.

A composição alusiva do monstro-texto

As influências tidas por Shelley são exemplificadas na obra através de diversas formas, tanto explícitas quanto implícitas. Seus personagens mencionam nomes importantes como o de Dante e Robin Hood e recitam grandes poetas românticos como Coleridge e Wordsworth, bem como também fazem sutis referências a Byron. No entanto, a criatura reflete em seu comportamento apenas a leitura que adquiriu com certos livros achados ao acaso, sendo os principais responsáveis por moldar sua identidade e torná-lo a criatura que se apresenta: “[...] they consisted of *Paradise Lost*, a volume of *Plutarch’s Lives*, and *the Sorrows of Werther*” (SHELLEY, 2016, p. 182)¹¹.

Como produto de sua criação, a criatura de Frankenstein chama atenção para o seu próprio caráter alusivo. De acordo com Hinds (1998), a alusão pode aparecer em forma de memória do personagem, propiciando realidade à narrativa ou oferecendo uma continuação da intertextualidade. No caso de Shelley, a criatura encontra seu criador e menciona os livros que leu durante sua jornada de auto ensinamento, enfatizando o fato de que tomou como reais as leituras que fez:

In *The Sorrows of Werther* [...] I found in it a never-ending source of speculation and astonishment. [...] but Plutarch taught me high thoughts, he elevated me above the wretched sphere of my own reflections. [...] But *Paradise Lost* excited different and far deep emotions. I read it, as I had read the other volumes which had fallen into my hands, as a true history. (SHELLEY, 2016, p. 182,184)¹².

Pode-se dizer que as leituras de Shelley se tornaram constituintes da criatura, uma vez que a mesma se formou através de livros dos quais teve acesso após a sua criação. A autora vê em seus personagens meios de relatar as influencias que teve durante seu

11. “Consistiam de *O Paraíso Perdido*, um volume das *Vidas de Plutarco*, e *Os Sofrimentos de Werther*” (SHELLEY, 2016, p. 132, tradução de Doris Goettesm).

12. “Em *Os Sofrimentos de Werther* [...] encontrei nele uma fonte inesgotável de especulação e espanto [...], mas Plutarco ensinou-me pensamentos mais sublimes; elevou-me acima da esfera miserável de minhas próprias reflexões [...], mas *O Paraíso Perdido* provocou-me diferente e mais profundamente. Eu o li, como aos outros volumes que caíram em minha mão, como uma história verídica” (SHELLEY, 2016, p. 183, 185, tradução de Doris Goettesm).

processo de criação literária, mas é apenas na personagem da criatura que ela introduz essa reminiscência de suas leituras como forma constituinte da identidade desse ser.

É sobretudo na questão da linguagem, tanto como tema explícito do romance quanto como modelo implícito da organização complexa do mesmo, que o enigma da criação alusiva se desenrola (BROOKS). O encontro dramatizado no romance entre Frankenstein e sua criação monstruosa leva a criatura a contar a história da formação de sua identidade, *a-story-in-a-story*, como um livro que encontra seu leitor e o apresenta todo o seu processo de desenvolvimento. Nesse discurso metalinguístico, a criatura se depara com seu criador e afirma que leu seus diários e conhece o horrendo processo que culminou em sua criação, fortificando a relação texto-monstro através da descrição da relação de gênese.

Lendo *Frankenstein* de Shelley como uma alegoria para o ato criativo da escrita literária nota-se a preocupação da autora em demonstrar na sua criação a importância das leituras anteriores, bem como a representação da influência tida pelos seus predecessores como uma dádiva. A criatura reflete esse sentimento ao relatar o impacto que tais leituras causaram no seu ser em construção:

Those wonderful narrations inspired me with strange feelings. [...] The possession of these treasures gave me extreme delight; I now continually studied and exercised my mind upon these histories [...] I can hardly describe to you the effect of these books. (SHELLEY, 2016, p. 170, 182)¹³.

A percepção do paralelo entre a composição do texto literário através da constituição da criatura inclui também seu medo em ser apresentado ao mundo dos humanos. Ao proferir seu receio em ser visto pelos demais, o monstro reafirma sua preocupação em não ser aceito pela sociedade que lhe foi imposta: “*I formed in my imagination a thousand pictures of presenting myself to them, and their reception of me*” (SHELLEY, 2016, p. 164)¹⁴. Shelley deixa clara sua posição como autora que não propõe a imposição de sua obra ao público, e que, assim como Frankenstein, desconhece os efeitos que sua criação causará no mundo, receando seu recebimento como um monstro.

A comparação entre dois tipos de criação, de monstros e livros é mostrada por Mary Shelley quando associa autoria com monstruosidade, refletindo o produto da primeira com a criatura imprevisível. Victor almeja obter o conhecimento divino e entrar na esfera de criador e não de criação, assim como Shelley almeja alcançar o

13. “Essas narrativas maravilhosas inspiraram-me estranhos sentimentos. [...] A posse desses tesouros proporcionou-me extremo prazer. Eu agora lia e exercitava continuamente minha mente com essas histórias [...] Mal posso descrever-lhe o efeito desses livros” (SHELLEY, 2016, p. 171, 183, tradução de Doris Goettesm).

14. “Pintei em minha imaginação milhares de quadros, imaginando como seria me apresentar a eles e sua recepção para comigo” (SHELLEY, 2016, p. 165, tradução de Doris Goettesm).

ápice do ato criativo, através dos deuses que a precederam. Por meio do método alusivo, Shelley explora a mente criativa do leitor com a sua criação Prometeica, onde a memórias da criação se misturam.

Considerações Finais

Assim como a Criatura se constitui de retalhos de corpos, o mesmo pode-se dizer da obra literária, que não é uma peça solta, mas um conjunto, uma manta feita de retalhos, na qual dialoga com outros textos das mais variadas formas. A Criatura para adquirir conhecimentos lê obras literárias, que definem sua formação como indivíduo. Esse elo entre leitura como constituição do ser se faz análogo à constituição da obra de Shelley.

A consequente introdução de Mary Shelley no prefácio da edição de 1818 de *Frankenstein ou o Prometeu moderno* apresenta o percurso da autora na gênese de sua obra considerada de maior sucesso. Mais do que isso, ela evidencia a melancolia que a acompanhara durante toda essa jornada de criação, sentimento esse que se equipara à de seu personagem principal em seu mesmo ato criativo. O Prometeu moderno, em termos de imaginação e criação, se torna análogo ao escritor, que busca em meio aos Titãs seu lugar de igualdade através do empréstimo do fogo do conhecimento.

A criação científica e a criação literária se associam, e o paralelo texto-monstro nos mostra como ambas as criações se fazem acompanhadas do sentimento de angústia, que provém da doença da autoconsciência de todo criador que reflete sobre seu ato criativo. *Frankenstein* equivale, num certo sentido, a uma representação da própria Shelley, bem como de todo outro artista que sente na pele a angústia de inventar algo a partir do débito provido de uma criação primeira.

Em *Frankenstein*, Shelley usa a memória da criatura como um dos índices alusivos visíveis de sua criação. Assim como a sua criadora, a criatura usou das influências recebidas para compor parte do seu ser. A análise da composição da criatura como uma metáfora a criação literária, mostra que ambas se relacionam pelo seu processo constituinte, sendo compostas de elementos externos que juntos compõem seu ser uno. Devido a isso, a criação da identidade da personagem da criatura através da leitura de livros específicos e vista como parte do processo alusivo as influências que Shelley dispôs para a composição de sua obra.

Referências

- ALDRICH, Marcia; ISOMAKI, Richard. The Woman Writer as Frankenstein. In: *Approaches to Teaching Shelley's Frankenstein*. New York: Modern Language Association, 1990.
- ALVES, Talita Cassemiro Paiva. *Frankenstein: The Creation of a Myth*. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Literatura de Língua Inglesa) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- BHATTACHARYYA, Anish. Frankenstein and Ackroyd: a Study of the Text as the Monster. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanitie*. Vol. 10, No. 2, 2018.
- BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: Uma Teoria da Poesia*. Trad. Arthur Nastrovski. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- BROOKS, Peter. Godlike Science/Unhallowed Arts: Language, Nature, and Monstrosity. In: *The Endurance of "Frankenstein": Essays on Mary Shelley's Novel*. London: Univ. of California Press, 1979.
- HINDS, Stephen. *Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*. USA: Cambridge University Press, 1998.
- MAGNUSON, Paul. The Corresponding Society: Reading the Correspondence. In: *Reading Public Romanticism*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Ed. da USP, 1997.
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Trad. Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2016.
- THOMAS, Richard F. Catullus and the Polemics of Poetic Reference (Poem 64.1-18). *The American Journal of Philology*, v. 103, n. 2, p. 144-64, julho. 1982.
- VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. Reflexões sobre a noção de "arte alusiva" e de intertextualidade no estudo da poesia latina. *Classica (Brasil)* v. 20, n. 2, p. 239-260, 2007.